



ARTE E SUAS INSTITUIÇÕES

XXXIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Maria Angélica Melendi
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Ocorrências de arte contemporânea na natureza habitada

Esta comunicação pretende se incluir no eixo conceitual “Instituições, fronteiras e marginalidade”. Para isso pretendemos examinar algumas ações de artistas contemporâneos no espaço que chamaremos de natureza habitada. Entenderemos por natureza habitada um mundo que, ainda rural, teve sua paisagem desenhada pela mão do homem. Um mundo estropiado, resíduo catastrófico da exploração pecuária ou mineradora, usado, abusado e abandonado, ou reconduzido a outros usos igualmente degradantes. Nesse espaço deteriorado, o artista trabalha criando experiências para os outros - os habitantes desse mundo - e para si.

Sendo esse artista contemporâneo menos um fazedor de imagens, que um produtor de acontecimentos, aparece como um ser sempre habitado por um impulso de intervenção social, cuja persona mostra-se cada vez mais diluída ou rasurada. Em paralelo à negação da autoria forte, persiste uma espécie de recusa à visibilidade que o coloca numa posição à margem das grandes mídias. Poderíamos afirmar que esses artistas almejam realizar ações modestas a serem desenvolvidas em locais afastados e que renunciam a produzir qualquer mudança de alcance mais amplo.

Examinaremos as instancias de negociação entre o autor e a instituição e o papel da mesma para a concretização e divulgação de seu trabalho. São dois problemas que nos preocupam, em relação a esse segmento da arte contemporânea: a transformação do artista em mediador e o estabelecimento de uma cultura da reparação. A ideologia da reparação supõe sempre um fundo de culpa a ser compensado pelo compromisso com o outro. Por trás dessa ideia, parece subjazer uma visão que reduz o mundo a uma sucessão de perdas irremediáveis, restos de uma catástrofe que só o artista teria a capacidade de restaurar ou, pelo menos de intentar conter.

Neste ensaio estudaremos algumas obras de Paulo Nazareth e do coletivo Thislandyourland, formado pelas artistas Ines Linke e Louise Ganz, que lidam com as questões expostas acima e cujas ações não visam a eternidade mas apostam na experiência irrepetível do instante: acontecimentos sem resto plástico, mas com registros residuais que criam relatos e conseguem arquivar memórias.